

EXPOSIÇÕES SOBRE VANDELLI MOSTRAM A NATUREZA EM GABINETES

O ano de 2008 foi marcado por duas exposições, bastante distintas, em torno do naturalista italiano Vandelli, que viveu em Portugal no final do século XVIII: *O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*, no Museu do Meio Ambiente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de julho a outubro de 2008; e o *Gabinete transnatural de Domingos Vandelli*, no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que abriu à visitação em outubro de 2008 e permanece até janeiro deste ano. Mas quem imaginou encontrar apenas animais empalhados, objetos pessoais do naturalista e documentos históricos das expedições – que tradicionalmente compõem as exposições desse tipo – teve uma grata surpresa. A invasão da arte, dos artistas e de suas obras na concepção e criação museográfica conferiu tons e texturas diferenciados às propostas.

GABINETE PARA CURIOSOS Vandelli é considerado um ilustre personagem da história natural. Responsável pela criação do Jardim Botânico e do Museu de História Natural de Coimbra, o naturalista influenciou o rei D. João VI a criar um jardim botânico no Brasil. Anna Paula Martins, curadora da exposição no Jardim Botânico, patrocinada pela Finep, conta que sua intenção não foi

de reproduzir um gabinete de curiosidades, mas de criar “um gabinete para curiosos”, gerando sensações ligadas à própria história natural e às escolhas que orientam a produção de conhecimento científico. *Gabinete de curiosidades* é fruto de oito anos de pesquisa de Anna Martins sobre o naturalista. Do exaustivo levantamento de documentos, histórias, imagens, idéias, conceitos emerge uma particularidade de Vandelli: foi o principal articulador do projeto das viagens filosóficas e, como seu mestre Carlos Lineu, responsável por escrever as orientações – regras, condutas que deviam ser seguidas pelos viajantes – para observação e registro tanto de plantas e animais, como dos modos de vida dos povos colonizados.

O quê, como e quando observar e registrar? O que acontece à natureza e às culturas quando passam às cartas, ilustrações, relatos e memórias dos viajantes? As ações de observar, registrar, definir, catalogar, colecionar, conservar e refletir, foram intensamente exploradas por Anna Martins e multiplicadas pelas propostas dos artistas que participaram da criação de instalações, vídeos, iluminação, designer e trilha sonora. “O livro foi a espinha dorsal da proposta, inspirado no próprio Vandelli que dizia que ‘um museu é um livro sempre aberto no qual o observador se ins-



Painéis com imagens e palavras - "O livro é para ser sentido"

trui com prazer”, conta a curadora. O público passeia por entre painéis gigantes, camadas, folhas, imagens, palavras, numa potente aposta de que o “livro não é apenas para ser lido, mas sentido”.

EXPERIÊNCIAS ENTRE VIDA E MORTE

Luiz Zerbini – artista carioca convidado por Anna Martins – criou a “sala da morte”. Morte que ronda o trabalho dos viajantes, os objetos,

registros e os museus de história natural. Morte que também está presente na inquietação do artista, para quem a pintura morreu: “Acho lindo que ela morra e não tenho intenção de fazê-la renascer... e não deixei de pensar nela em nenhum único instante”. Em crise com a pintura, tenta escapar à política da representação da natureza que orienta fortemente as produções nas ciências e nas artes, e faz o que chama de *Minha última*

pintura. Imaginou montar mesas com vidrarias de laboratório e plantas. Em suas primeiras tentativas colheu do Jardim Botânico – que conhece desde criança e frequenta sempre, pois mora ao lado – várias espécimes e tentou, sem sucesso, preservar cores, brilhos e texturas nos tubos de ensaio. Foi a um camêlo e comprou várias plantas de plástico. Levou-as até o Jardim Botânico e, observando os espécimes no jardim, pintou as plantas de plástico. Nos tubos de ensaio expostos em duas estantes, as plantas de Zerbini inquietam por gerarem uma sensação de morte e vida, ao mesmo tempo. Não se percebe facilmente que são de plástico, também não se identifica marcas de deterioração, de passagem do tempo, comuns em plantas conservadas. Na instalação estão, também, ossos que o artista já utiliza em suas obras, vestígios de sua produção, pincéis e tintas, uma tela metálica gigantesca – que se chama *Observação e reflexão* – feita do mesmo material usado para fazer gravuras das plantas e uma exsiccata gigante de uma vitória-régia.

AMBIENTE VIVO No outro extremo da exposição está a “Sala da vida”: um jardim vertical, *Greenwall*, desenvolvido pelo botânico Bruno Rezende a partir das tecnologias do biólogo australiano Mark Paul. Luminosidade ofuscante, de grande beleza e variações de verde, que brotam da parede branca e dão uma vida tão intensa à sala, que geram sensação de morte. “Foi isso que os viajantes fizeram com os jardins. Eles queriam colocar a biodiversidade dentro dos gabinetes”, diz a curadora, lembrando

do que fauna e flora brasileiras foram descritas de diversas maneiras pelos naturalistas que também levaram exemplares de sementes, plantas e animais para a Real Academia de Lisboa.

A impossibilidade de reproduzir e preservar – que envolvem as ações dos naturalistas – também foram exploradas nos vídeos projetados nas reentrâncias do fabuloso prédio do Museu do Meio Ambiente: sons do Jardim Botânico, misturados a outros sons; imagens descontínuas, sobrepostas e fragmentadas; palavras impossíveis de leitura; vozes que dizem das memórias como narrações políticas; dando força à idéia das memórias como ilha de edição e à exposição como reinvenção, das próprias noções de memória, tempo e conhecimento. “Quando trabalho com um documento não consigo esquecer que estamos no século XXI. Por isso, a idéia não é reproduzir o passado, mas reinventá-lo”, conclui Martins.

GABINETE TRANSNATURAL Logo que a exposição *Gabinete de curiosidades* foi encerrada, a exposição *Gabinete transnatural* foi aberta, sob curadoria do português Paulo Bernaschina. Trata-se da última ação de um circuito – o *Transnatural* – iniciado em 2006 e pensado em torno de Vandelli, um importante personagem na elaboração de um imaginário dos museus de história natural. O projeto, como descreve o texto da curadoria, “obedece a uma lógica naturalista que vai do mapeamento do mundo, de todos os seres vivos e inanimados que o habitam, até ao mapeamento do genoma humano”. Na avaliação de Thereza Baumann,

chefe de museologia e assessora de direção do Museu Nacional, a exposição “é muito diferente do que o museu costuma expor e aposta numa conexão entre arte e ciência pouco comum, dando destaque às intervenções de artistas contemporâneos na história natural”. A exposição reúne objetos, materiais, concepções, questionamentos bastante díspares, como acontecia nos gabinete de curiosidades: animais taxidermizados, documentos históricos e a coleção de exsicatas de Alexandre Rodrigues Ferreira, que vieram de Coimbra, filmes, pinturas do jardim do éden, quadros de monstros etc. Embora a concepção da exposição tenha sido feita em Portugal, parte do acervo do Museu Nacional – como o enorme elefante emalhado que abre a sala que se dedica às relações entre Portugal e Angola – integra a mostra. Entre os artistas que participam da exposição estão o português João Tabarra, com a obra *Confissão*, o brasileiro Nelson Leirner, que fez uma intervenção sobre um enorme esqueleto de baleia, e a brasileira Gabriela Albergaria, com a escultura *Árvore*. Gabriela tem se dedicado a potencializar em suas obras a natureza do ponto de vista da perda de referência, da proliferação de simulacros, da humanização e transformação. Uma natureza “feita sob medida”.

Thereza, que é museóloga e fez doutorado em história na Universidade Federal Fluminense (UFF), destaca que a exposição *Gabinete transnatural* explora as mudanças da ciência do século XVI para o século XVIII, trazendo na figura de Vandelli, que era iluminista, um olhar diferenciado para a ciência. Na exposição há um

grande painel com perguntas direcionadas ao próprio Vandelli, em que se pede que ele responda oficialmente, inclusive. Entre elas: “Qual o valor geológico da parede de um museu? Qual o valor científico de um passeio no jardim? Que interesses militares se fecham num herbário? Não sabe? Não ouviu? Como ouvir os segredos acadêmicos?”. Provocações tanto para as ciências como para suas propostas de divulgação.

SERVIÇO A pesquisa feita para a exposição no Jardim Botânico do Rio de Janeiro resultou na produção de uma caixa com 8 livros, 1 jogo de memória e 16 cartazes, batizada de “O gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli”, pela Editora Dantes. O material inédito inclui: *Dicionário dos termos técnicos de história natural e memória sobre a utilidade dos jardins botânicos* de Domenico Vandelli (1788); *Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar linhos* de Manuel Arruda Câmara (1810); *Experiências aerostáticas - Gazeta de Lisboa* *Memória sobre a máquina aerostática* de Félix António Castrioto (1784); *Memória sobre a reforma dos alambiques* de João Manso Pereira (1798); *Lembrança de um tripulante a bordo da nau de guerra N. S. de Belém aos amigos curiosos* de Frei Manuel da Madre de Deus (1777); *O feliz clima do Brasil* de Domingos Alves Branco Muniz Barreto (1793); *Eu observo e descrevo* de Francisco Antonio de Sampaio (1782-1789); e o *ABC do gabinete*, um dicionário de verbetes. A previsão é que a exposição siga, neste primeiro semestre, para o Norte e Nordeste do país.

Susana Dias